

PINTO JR, Braz. O DRAMA POÉTICO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO
CRIA SEUS PRECURSORES. Dourados: UFGD; professor assistente.

RESUMO

Nesse trabalho apresentamos a poesia de João Cabral de Melo Neto inserida em um processo de revisão da tradição literária e dramática de língua inglesa. Demonstramos como o drama poético *Morte e vida severina* pode ser inserido em um diálogo intertextual com o poema *Os homens ocos* de T.S. Eliot ou a novela *O coração das trevas* de Joseph Conrad. Desde sua estréia no palco em 1965, *Morte e vida severina* vem sendo considerado um clássico do teatro brasileiro, não apenas pela inserção no universo estético e sociológico do retirante nordestino, mas também pelos elementos tradicionais presentes na obra, com destaque para o caráter alegórico de sua estrutura. Cabral estabelece, no “auto de natal pernambucano”, um diálogo não somente com as fontes ibéricas, mas com a tradição poética de contextos anglófonos. Sua obra, composta sempre de forma equilibrada e coerente, mescla tanto elementos populares e clássicos quanto gêneros diferentes como poesia e teatro, e permite múltiplas leituras e interpretações. Os processos criativos de Cabral, calcados na dinâmica da apropriação textual, um procedimento complexo, dialógico e multidirecional, e a revisão crítica de sua obra, são temas da nossa análise, orientada pela perspectiva da estética da recepção, que resulta na leitura comparada de *O coração das trevas*, *Os homens ocos* e *Morte e vida Severina* e nos possibilita estabelecer alguns pontos de convergência ou intertextualidades tanto no que diz respeito à “alegoria do rio” (Congo/Capibaribe) quanto à escolha semântica.

Palavras-chave: Dramaturgia. Intertextualidade. João Cabral de Melo Neto. T.S. Eliot. Joseph Conrad.

ABSTRACT

João Cabral de Melo Neto's poetic drama, may be read as an intertextual dialog with anglo american tradition, from texts like *The Hollow Men*, *Heart of Darkness*, or *Hamlet*. Since its theatrical première in 1965, the verse drama *Morte e vida severina* (Death and Life of a Severino) has achieved classical status in Brazilian theatre, specially because of its allegoric structure. João Cabral de Melo Neto establishes, in the “auto de natal pernambucano” (Nativity Auto of Pernambuco), a dialogue not only with the Iberian sources, but also with poetic traditions of Anglophone contexts. His work, which shows a concern for poetics and the disciplined use of language, permits multiple readings and interpretations. The creative processes of Cabral, which include the dynamics of textual appropriation, a complex, dialogical and multilevelled procedure, and the critical revision of his work are part of the thematic strands of our analysis which strives to establish, from a reader-response perspective, a dialogue between *Heart of Darkness*, *The Hollow Men* and *Morte e vida Severina*, that concerns “the river allegory” (Congo/Capibaribe) and semantic choices.

Key-words: Dramaturgy. Intertextuality. João Cabral de Melo Neto. T.S. Eliot. Joseph Conrad.

Ao identificar o caráter de revisão no jogo literário proposto a partir da leitura da obra kafkiana, Borges (1960) sugere que um autor, pretendendo construir uma obra alicerçada na obra de outros autores, ao mesmo tempo em que se beneficia de uma estrutura já bastante sólida, pode estar contribuindo para uma revisão de uma tradição, inaugurando novas possibilidades de leitura e interpretação de seus precursores.

A partir da dramaturgia de João Cabral também é possível estabelecer diálogos intertextuais com autores, não apenas da tradição ibérica, mas também de língua inglesa como Shakespeare, Conrad, e especialmente Tomas Stearn Eliot.

Na verdade, em uma leitura comparada das obras Cabral e Eliot, o que se nota não é apenas uma similaridade de ideias sobre o processo de criação poética, mas também o diálogo intertextual evidenciado em alguns poemas cabralinos. Eliot é visitado ocasionalmente por Cabral em seus poemas, em um deles, inclusive, o autor pernambucano deixa transparecer a relação, ao estabelecer uma reflexão dialógica sobre a natureza da poesia.

O poema em questão, emblemático da poética cabralina, encontra na obra *Museu de Tudo*, escrito entre 1966 e 1974.

EL CANTE HONDO

This is the way the world ends

Not with a bang but a whimper

T. S. Eliot

O *cante hondo* as mais das vezes

desconhece essa distinção:

o seu lamento mais gemido
acaba em explosão.
Tão retesada é sua tensão,
tão carne viva seu estoque,
que ao desembainhar-se em canto
rompe a bainha e **explode**¹. (MELO NETO, 1999, p. 374-375)

A epígrafe de *El cante hondo*, retirada do poema *Os homens ocos* de 1925, em que Eliot explora imagens de desolação e inércia como a do gemido em oposição à ideia de explosão, é contraposta por Cabral à contundência do canto *hondo*. A vida [explosão], em oposição à morte [gemido], surge como resultado de um processo reacionário, uma resposta à tentativa de contenção expressa na imagem da "bainha".

A síntese desse processo é a noção de uma explosão de vida, desenvolvida anteriormente por João Cabral, no desfecho de *Morte e vida severina*:

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida **explodida**;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma **explosão**
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a **explosão**

¹ As palavras e expressões apresentadas em negrito foram destacadas para sugerir uma possibilidade de leitura intertextual das obras apresentadas.

de uma vida severina.

(MELO NETO, 1999, p.202)

A opção pela alusão, que remete ao poema *Os homens ocios* tanto em *El cante hondo*, quanto em *Morte e vida severina*, pode revelar uma rede intertextual bem mais ampla, se atentarmos para a “tradição” interpretativa e para as releituras do poema de Eliot.

Os homens ocios, segundo o tradutor Ivan Junqueira, em “Eliot e a poética do fragmento”, “é o que se poderia definir como um poema-limite dentro do universo espiritual de Eliot, a quem, diante de uma ‘terra desolada’ povoada de ‘homens ocios’, já nada mais restaria a não ser a conversão religiosa (JUNQUEIRA, 2004, p. 34).

Para Junqueira, o poema deve ser lido como uma ponte entre a insatisfação do poema anterior *A terra desolada* e a glória alcançada na produção seguinte intitulada *Quarta-feira de cinzas*.

Mas não é somente a Dante que Eliot referencia nesse poema. *Os homens ocios* se inicia com a seguinte epígrafe: “O Senhor Kurtz – ele morreu” (ELIOT, 2004, p. 175)², uma alusão a *O coração das trevas* de Joseph Conrad. A relação com o texto de Conrad se dá ainda na escolha semântica como podemos observar num dos trechos do romance de 1904 onde aparecem os vocábulos “hollow” [oco, ocios] ou “whisper” [sussurrar (amos), murmurar (ou), murmúrio]. Em *Os homens ocios*, Eliot apresenta uma “raça” de seres, os quais não possuem nada além de palha em seus crânios, espécies de espantalhos vivos que habitam uma terra deserta.

²“Mistah Kurtz – he dead” (ELIOT, 2004, p. 175).

Nós somos os homens **ocos**
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!
Nossas vozes dessecadas,
Quando juntos **sussurramos**,
São quietas e inexpressas
Como o vento na relva seca
Ou pés de ratos sobre cacos
Em nossa adega evaporada
(ELIOT, 2004, p. 177)

Conrad, por sua vez, em *O Coração das Trevas*, descreve Kurtz como um homem oco por dentro, sem alma, incapaz de compreender o horror que se tornou sua existência.

Penso que lhe **murmurou** coisas a respeito dele próprio que ele não sabia, coisas de que ele não tinha idéia até se aconselhar com aquela grande solidão... E o **murmúrio** mostrou-se irresistivelmente fascinante. Ecoou alto dentro dele porque era **oco** no âmago... (CONRAD, 2005, p. 110)

A relação entre os textos de João Cabral e Eliot pode ser comprovada ainda com outras passagens de *O coração das trevas* e de *Morte e vida severina* como as citadas abaixo em que podemos perceber a escolha semântica de Cabral e a expressividade dos vocábulos relacionados à privação ou à fome..

Nenhum medo pode suportar a **fome**, nenhuma paciência pode esgotá-la, a repugnância simplesmente não existe onde há **fome**; e quanto a superstições, crenças e o que se poderia chamar de princípios são menos do que palha soprada pelo vento. Vocês têm idéia do que seja o suplício de uma **fome** prolongada, conhecem seu exasperante tormento, os negros pensamentos e a terrível ferocidade que ela inspira constantemente? Bem, eu conheço. **Um homem necessita de toda sua força inata para combater a fome** de forma apropriada. É realmente mais fácil enfrentar a desgraça, a desonra e a perdição da própria alma – do que a fome permanente. (CONRAD, 2005, p. 79)

— Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega ao abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua **fome**.

— Severino, retirante,
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzo este rio
costumo tomar a ponte;
**quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.**

— Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da **fome**
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?

— Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;
sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
**mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.**

(MELO NETO, 1999, p. 193)

A relação com o rio e o mangue próprias do ambiente cabralino, bem como a sensação de “morte em vida”, também estão presentes nos outros dois textos, obviamente de forma difusa ou simbólica.

Para nos limitarmos, porém, a relações intertextuais com o poema de Eliot, podemos interpretar grande parte do “auto” de João Cabral como tendo sido composto “em resposta” ao ambiente de *Os homens ocós*. Isso fica claro se observarmos a estrutura de *Morte e vida severina* e compará-la ao poema de Eliot na cuidadosa tradução de Ivan Junqueira.

Nós **somos os homens ocós**

Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!

Nossas vozes dessecadas,

Quando juntos sussurramos,
São quietas e inexpressas
Como o vento na relva seca
Ou pés de ratos sobre cacós
Em nossa adega evaporada
(ELIOT, 2004, p. 177)

Tal descrição, logo de início de *Os homens ocós*, faz lembrar o Severino de sangue de “pouca tinta”, que se apresenta a seus interlocutores como vindo da Serra da Costela e migrando para Recife.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque **o sangue**

que usamos tem pouca tinta.

(MELO NETO, 1999, p. 171)

Eliot coloca seus homens ocos em uma “terra morta”, provavelmente a mesma de *Terra desolada*, da mesma forma que o povo Severino de Cabral, habitante da caatinga ou dos mocambos à beira mar do Recife e que por toda a parte só se depara com a morte e a desolação.

Esta é a **terra morta**

Esta é a **terra do cacto**

Aqui as **imagens de pedra**

Estão eretas, aqui elas recebem

A súplica da mão de um morto

Sob o lampejo de uma estrela agonizante.

(ELIOT, 2004, p. 179)

Somos muitos Severinos

iguais em tudo e na sina:

a de **abrandar essas pedras**

suando-se muito em cima,

a de tentar despertar

terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar

algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam

melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir

a história de minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra.

(MELO NETO, 1999, p. 172)

A migração de Severino por terras estranhas é como o vagar dos homens ociosos por mundos limítrofes, entre a vida e a morte. O tom severino lembra o universo de Eliot: a desolação e a nulidade de nossa existência humana, em um cenário de pós-guerra, uma espécie de lugar-nenhum onde nada, nem mesmo o olhar individual, nos é facultado.

Paradoxalmente, esse ambiente inóspito tende nos dois textos a se tornar propício para um “encontro” com algum ente sagrado [a religiosidade ou a consciência social], algo além da morte. No caso do auto cabralino, a compulsão pelo suicídio é superada pelo nascimento de uma criança, signo da renovação de toda uma espécie.

Sem nada ver, a não ser
Que os olhos reapareçam
Como a estrela perpétua

Rosa multifoliada

Do reino em sombras da morte
A única esperança
De homens vazios.

(ELIOT, 2004 p. 181)

Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,

derradeira ave-maria

do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
E esta minha viagem se fina.

(MELO NETO, 1999, p. 187)

O poema de Eliot descamba para o contato com o reino dos mortos e a morte num gemido, ou na negação da visão de mundo expressa pela teoria da relatividade e pelo cientificismo – insistindo em afirmar o mundo como o resultado de um sopro e não de uma grande explosão [o *Big Bang*] – Cabral, porém, transforma seu canto de morte em um elogio à vida e fecha o drama Severino com uma explosão “franzina”, mas definitiva.

Assim expira o mundo

Assim expira o mundo

Assim expira o mundo

*Não com uma **explosão**, mas com um gemido.*

(ELIOT, 2004, p. 181-183)

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova **vida explodida**;
mesmo quando é assim pequena
a **explosão**, como a ocorrida;
mesmo quando é uma **explosão**
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a **explosão**
de uma vida severina.

(MELO NETO, 1999, p.202)

Devemos lembrar que Eliot é considerado um dos fundadores da poesia modernista e precursor da pós-modernidade. Desde o início do século XX, seus trabalhos colocam-no como uma fonte segura de influência, principalmente quando pensamos em sua teoria da fragmentação, ou na

necessidade de uma revitalização do verso num mundo tão pragmático quanto o do início do século XX.

Até mesmo na obra de poetas antieliotianos alguns princípios propostos pelo autor de *Os homens ocos* são perceptíveis. Talvez este seja o caso de João Cabral que, como vimos, constrói seu poema sobre o contraponto da poesia do mestre, tornando-a ainda mais abrangente e estendendo sua significância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, J. L. Kafka y sus precursores. *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1960, p.107-109.

CONRAD, J. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L e PM, 2005.

ELIOT, T. S. *Obra completa: poesia*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004.

JUNQUEIRA, Ivan. "Eliot e a poética do fragmento" In: ELIOT, T. S. *Obra completa: poesia*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004.

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.